

análise literária de um poema moderno

SÉRGIO FARINA

Considerações Iniciais

Uns dos trabalhos mais fascinantes na aprendizagem do Português é a análise literária. Com efeito, nada mais curioso do que levantar a pele das palavras, e espiar o que há além da superfície. Nada mais fustigante para o espírito do que alongar os olhos da compreensão para ver onde nasceu a dor ou a saudade de um poeta, a mensagem ou a cosmovisão de um romancista. Nada mais contagiante do que participar da experiência vital de um autor, transfigurada em obra de arte.

Nada mais recomendável, também, aos professores e alunos, do que esse rico *instrumento de formação*.

Antes de passarmos a uma demonstração rápida e prática desse exercício, convém lembrar:

- a) que há *muitos modos* de fazer análise literária; a que segue, é uma das muitas maneiras de atingir o texto;
- b) que a análise literária deve partir de um *princípio de simpatia* para com o texto;
- c) que é um exercício de longa paciência; às vezes a página do texto parecerá uma página em branco... é nesse momento que começa a nossa conquista silenciosa através de *muitas e muitas leituras*;

d) que, finalmente, o ideal seria ler toda a obra do autor. (Para o presente trabalho aconselhamos que se leia, pelo menos, a Antologia Poética de Manuel Bandeira).

Feito isso, estaremos habilitados a começar o trabalho.

Lembramos, outrossim, de passagem embora, que todo o trabalho deve ser planejado. Por isso mesmo é que planejamos uma viagem, uma visita, uma redação, um ano letivo, uma vida inteira.

Para maior e melhor compreensão, fazemos nossa análise com algumas explicações na margem, orientando como se faz uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. E chamamos a atenção para não perder de vista que o trabalho está estruturado em 3 partes fundamentais, como qualquer outro.

I. INTRODUÇÃO

II. DESENVOLVIMENTO:

Transcrição do texto

- a) Localização
- b) Determinação do assunto e do tema
- c) Análise de sua estrutura externa e interna
- d) Análise dos meios expressivos

III. CONCLUSÃO

Bibliografia

INTRODUÇÃO

Todo trabalho deve ter uma introdução que consistiria em:

dar os objetivos essenciais do trabalho (proposição do tema)

Aprendemos literatura desde o momento em que estamos com um texto literário diante dos olhos. Mas como uma obra não se revela à primeira vista, é preciso buscar um caminho para surpreendê-la em sua recatada virgindade.

É este o objetivo da análise que, a seguir, empreenderemos. Procuraremos demonstrar, através do encantador poema de Manuel Bandeira, — *Irene no Céu* — que a arte verdadeira, independente da época e escola, é simplicidade.

dar os limites do tema: i.é.,
quais facetas serão discutidas
e quais serão eliminadas;

dar o ângulo de análise em
que se coloca o redator;

dar o histórico (quando pos-
sível e necessário);

dar a hipótese ou tese que o
redator cogita, apresentar ou
defender;

Irene no Céu

Transcrição do poema. O
texto poderia aparecer no
início. A colocação é livre. Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Não nos será possível analisá-lo extensiva-
mente, por causa do espaço. Mas não deixaremos,
contudo, de apontar o que julgamos essencial.
Mesmo assim será uma análise literária elementar,
pois sabemos que a “casa da poesia tem sete por-
tas e seis chaves”.

Seguiremos, outrossim, o caminho mais co-
mum, entre nós, de analisar um texto. Isto é, a
orientação *humanística* e a visão estilística. A
visão humana que englobará o mundo das idéias
(conteúdo) e a visão estilística que estudará os
meios expressivos (forma).

Deixaremos de lado as incursões do “New
Criticism”, do estruturalismo e do formalismo
russo, porque são tôdas maneiras ainda desconhe-
cidas entre nós.

O poema abaixo é um dos mais populares
do Autor. Foi usado, inclusive, como propaganda
comercial. Foi vertido para o latim e outras lín-
guas; enfim, analisado por muitos, ridicularizado
por uns e aplaudido por outros.

E aqui, nós também formulamos a pergun-
ta: Será válido êste poema? Valerá a pena anali-
sá-lo?

É o que buscamos, a seguir
Primeiramente, vamos ao texto.

Imagino Irene entrando no céu:

— Licença meu branco!

E São Pedro bonachão:

— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

Manuel Bandeira. Libertinagem, in *Anto-
logia Poética*. Editôra do Autor, RJ,
1961, p. 85.

DESENVOLVIMENTO

1. Localização:

— Apontar os dados essen-
ciais da vida do autor:

— ver sua obra global e in-
dicar em que livro se acha o
texto escolhido;

— ver a época e apontar as
tendências estéticas (escola
literária a que pertence).

2. Determinação do assunto e do tema central.

O poema é de Manuel Bandeira, poeta per-
nambucano. Dizemos mal: poeta (inter) nacional.
“Homem humaníssimo, obrigado a renunciar a
muitas das alegrias da vida, não se abateu com o
infortúnio. Por meio da poesia conseguiu, assim
transformar a sua tristeza em verdadeira felicidade.

Exemplo admirável de superação da dor, a
obra poética de Manuel Bandeira não é uma co-
leção de lamentações, mas um padrão de altitude
espiritual e dignidade humana. (Nunes & Brito,
1967, p. 36). Veremos isso, através do Poema
“Irene no Céu”.

De tendências modernas, MB começou como
simbolista. Saltou, em seguida, para o arraial dos
modernistas conforme sua própria declaração:
“Estou farto do lirismo comedido/ Do lirismo
bem comportado/ .../ Não quero mais saber do
lirismo que não é /Libertação”. (Bandeira, op.
cit., pág. 70.) Na pal. “libertação” está explicada
uma das principais características do movimento
modernista.

Outra grande tendência vem explicada pelo
assunto do poema. E chegamos, com isso, ao pon-
to pròpriamente da análise literária. Partiremos
do mais simples ao mais essencial.

Assunto é "a realidade objetiva utilizada pelo poeta, para dizer algo" (Safady, 1961, p. 47.)

O assunto do poema pode ser sintetizado na recordação da criada boníssima, chamada Irene, que o serviu em certa casa, em que ele morou no Rio de Janeiro.

É tradicional, é proverbial, diríamos, entre nós, o reconhecimento da bondade como traço profundo da velha ama. A História do Brasil e os livros de literatura estão cheios de confirmações.

Idéia central (tema) é a tomada de posição do autor diante desse assunto (Safady, id. ibid.)

A determinação do assunto é um passo para a frente. O tema central é um passo para baixo. É uma penetração. É uma escavação.

Depois de muitas leituras, concluímos que o tema de "Irene no Céu" possui, como núcleo fundamental, a própria exaltação da raça negra. Aliás foi esse outro princípio do Modernismo Brasileiro. Quase todos os seus líderes propunham, em seus manifestos, a integração do elemento negro à literatura.

Irene = símbolo

Irene há de ficar como um símbolo permanente encarando em si toda uma raça.

Uma raça oprimida, e que está em contradição com a liberdade que o poeta imprimiu ao poema.

3. Análise de sua estrutura:
— estrutura externa.

Aliás, este, pela sua técnica de composição, nos apresenta a fase modernista de MB. E isso é fácil de se ver, porque não há estrofes regulares, não há metrificação, não há rimas, faltam pontuações e seu ritmo é psicológico (segue o andamento das idéias e recebe a carga afetiva delas).

Era isso que pretendiam os modernistas: escrever com a maior liberdade possível. Nada de imitações. Queriam ser eles mesmos, e não cópias-carbono de outros. Exigiam o direito à pesquisa estética, decretando um rompimento absoluto com o passado.

— estrutura interna (movimentos). "Chamamos movimentos às variações que o desenvolvimento do tema pode assumir". Coelho, 1966, p. 11.

MB constrói o poema em duas partes: a) apresenta as qualidades de Irene; e b) apresenta a recompensa merecida.

Para isso, faz uso de verso livre. Dispensa todos os elementos tradicionais da poesia para só ficar com o ritmo.

O ritmo

E aqui estamos com o essencial em poesia: o ritmo. MB faz uso do ritmo psicológico. É intensificado pelas repetições do nome "Irene". A repetição significa insistência. Mostra a idéia fixa do Autor, em referência a sua "ama". "Sem a repetição, seria uma referência; repetindo-se, é uma fixação, como de alguém que persegue um sonho." (Lellis, 1964, p. V)

Linguagem

Creemos que é por esse motivo que MB dispensa outros recursos da técnica: nada de figuras de linguagem, nada de inversões, nada de artifícios.

Sua linguagem é espontânea, natural, concisa. Repare-se nas frases nominais dos três primeiros versos: nada de verbos. MB parece ser o poeta do substantivo. É que se ele tivesse empregado um verbo, deveria ser um verbo qualquer de ligação. O verbo de ligação não teria, aqui, muita importância estilística. Funcionaria na base de conetivo. Portanto, a linguagem ganhou mais concisão não usando o verbo do que se tivesse arriscado um balofo "Irene era preta", Irene era boa, etc.

O estilo

O estilo do autor é simples. É difícil que alguém resuma mais e melhor a vida de uma pessoa. A simplicidade, aliás, sempre será a grande qualidade de um texto literário.

Sintaxe Afetiva

Quase tôdas as poesias de MB são líricas. Fora disso não funcionou. A poesia, nêle, sempre se sobrepôs à técnica. Sabe criar um clima delicioso de simplicidade vocabular. Sabe poetizar passagens prosaicas, combinando-as com passagens líricas. Os estados íntimos, esponjosos da afetividade, manifestam-se através de um êrro que a gramática censuraria.

“Entra, Irene. Você não precisa pedir licença”.

“Está no último verso a mudança de tratamento /.../”. Tão sutil, porém, é ela, tão natural, que quase não se percebe.

Entra é a segunda pessoa, referida a Irene, logo após tratada de você.

E a mudança não se percebe imediatamente, porque não houve no espírito do autor mudança alguma de sentimento com relação a Irene: a intimidade, a familiaridade, a simpatia, a alegria da recepção amiga não se alterou, antes continuou.

A mudança de tratamento é meramente formal.

.....
Ora, sabe-se que um rasgo lingüístico expressivo, a fôrça de usado, se automatiza, esgotando-se-lhe as virtudes estilísticas.

Foi o que vimos nos versos de Bandeira: sendo a segunda pessoa do singular a característica do imperativo, do domínio verbal da linguagem ativa; e você, o pronome eleito para tratamento com esta segunda pessoa, houve a acomodação entre o elemento verbal e o nominal mercê do uso generalizado (Galvão, 1967, p. 96-8).

(Caberia, aqui, uma análise de verso por verso, estabelecendo tôdas as ligações possíveis entre forma e conteúdo, mas...)

(Leia esta página em branco, à procura da sétima chave da casa da poesia).

CONCLUSÃO

MB é mestre insuperável até nas pequenas criações. Deixa-nos extasiados, porque sentimos que o poeta escondeu a pena e mostrou o coração. O poema “Irene no Céu” vale por uma afirmação de que a arte é amor. Há uma superposição de imagens como no cinema: em primeiro plano a bondade de Irene e em segundo plano, a bondade do autor. O coração transbordante de beleza se alegra, se exalta e se difunde, projetando nos demais um influxo indisfarçável de simpatia. Assim fez MB, assim é MB, nosso São João Batista do Modernismo.

OBRAS CITADAS:

- Bandeira, Manuel. *Antologia Poética* — Ed. do Autor — Rio de Janeiro, 1961.
Coelho, Nelly Novaes — *Ensino da Literatura*. — Ed. F.T.D. — SP, 1966.
Galvão, Jesus Belo — *Língua e Expressão Artística*, Ed. Civilização Bras. — RJ, 1967.
Lellis, Raul Moreira — *Português no Colégio, 1.º e 2.º anos*, Ed. Nacional, SP, 1964.
Nunes, Cassiano & Brito — *M. de Poesia Brasileira para a Infância*. Ed. Saraiva, 2.ª Ed., SP, 1967.
Safady, Naief — *Introdução à Análise de Texto*. Liv. Franc. Alves, RJ, 1961.
Boletim de Linguagem n.º 6, Ano II, Maio/Junho 69.